

A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA CINZA DA CANA: O CASO DAS CORTADORAS DE CANA-DE-AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE TAMBOARA-PR¹

Ariana Castilhos dos Santos Toss Sampaio

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (PGE-UEM)
ariana_marcos@hotmail.com

Maria das Graças de Lima

Docente do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (PGE-UEM)
mglima@uem.br

RESUMO: O noroeste do Paraná, ao longo do tempo, vem passando por transformações no uso do solo. Neste sentido, em 1979, instalou-se uma usina sucroalcooleira no município de Tamboara, após a abertura desta indústria, as lavouras de cana-de-açúcar passaram a disputar espaço com outras culturas. Os canaviais modificaram a paisagem do noroeste paranaense, como também ocasionaram mudanças nas relações de trabalho. Desta forma, o objetivo deste artigo consiste em apresentar os resultados parciais da pesquisa de mestrado que visa destacar as dificuldades que as cortadoras de cana enfrentam no seu cotidiano, situadas no Município de Tamboara. Como metodologia, realizamos pesquisa bibliográfica e entrevista oral com doze cortadoras de cana, o que nos propiciou compreender como o trabalho de cortar cana-de-açúcar é realizado; as consequências deletérias que este labor causa na saúde destas trabalhadoras e a desigualdade de gênero que perpassa os canaviais.

Palavras-chave: Cortadoras de cana. Trabalho. Saúde. Gênero.

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001

THE GENDER INEQUALITY AT THE SUGARCANE ASHES: THE CASE OF WOMEN SUGARCANE CUTTERS IN TAMBOARA – PR

ABSTRACT: The northwest of Paraná, over time, has been undergoing transformations in land use. In a sense, in 1979, a sugar-alcohol plant was installed in the municipality of Tamboara, after the opening of this industry sugarcane crops began to compete for space with others cultures. The cane fields changed the landscape of northwestern Paraná, as well as caused changes in labor relations. Thus, the objective of this paper is to present the partial results of the master's research that aims to highlight the difficulties that women sugarcane cutters face in their daily lives, located in municipality of Tamboara. As methodology we realized bibliographic research and oral interview with twelve women cane cutters, which allowed us to understand how the work of cutting sugar cane is performed; the detrimental consequences what this labor causes in the health of these women workers and the gender inequality that permeates the sugarcane fields.

Keywords: Women Cane cutters. Job. Health. Gender.

1. INTRODUÇÃO

Tamboara está localizada na região noroeste do Paraná e conta com uma população de 4.664 habitantes (IBGE, 2010), dos quais a maioria reside na área urbana. Contudo, devido à cidade não ter empresas suficiente que utilizam a mão de obra disponível, parte destes moradores trabalham no campo, como exemplo no corte de cana -de -açúcar.

A instalação do cultivo da cana -de- açúcar no noroeste do Paraná teve incentivo do Governo Federal com o lançamento do Programa Nacional do Álcool – Proálcool (THOMAZ JUNIOR, 2002) que visava uma alternativa de desenvolvimento para a região que vinha sofrendo modificações no modelo agrícola. Devido a superprodução os cafeeiros foram pressionados a erradicarem parte de sua produção e passaram a desenvolver outras atividades agrícolas (SERRA, 2010). Com o cultivo da cana de açúcar na região, a paisagem sofreu diversas modificações, árvores foram derrubadas, as casas dos moradores retiradas, restando somente os canaviais (SILVA, 2001).

Desta forma, percebermos que o uso do solo ocasionou modificações na paisagem, como também causou mudanças nas relações e nas possibilidades de trabalho. Os trabalhadores tiveram

que adaptar-se a essas alterações, muitos que trabalhavam em suas terras, foram expulsos e passaram a trabalhar para o agronegócio (SILVA, 1982).

O trabalho de cortar cana-de-açúcar não é uma tarefa fácil, a jornada começa ainda na madrugada e continua sob sol intenso, o que leva os trabalhadores a esforçarem para que o seu ganho possa atender as necessidades de sua família (ALVES, 2006), já que este é por produção. Neste sentido, o objetivo deste artigo consiste em apresentar os resultados parciais da pesquisa de mestrado que visa destacar as dificuldades que as cortadoras de cana enfrentam no seu cotidiano, situadas no Município de Tamboara.

Como metodologia, realizamos pesquisa bibliográfica e entrevista oral com doze cortadoras de cana, o que nos propiciou compreender como o trabalho de cortar cana-de-açúcar é realizado; as consequências deletérias que este trabalho causa na saúde destas trabalhadoras e a desigualdade de gênero que perpassa os canaviais. Para elucidar os resultados parciais da pesquisa dividimos este trabalho em cinco subcapítulos. No subcapítulo dois explicamos como ocorreu a instalação do cultivo da cana-de-açúcar no noroeste do Paraná; no subcapítulo três relatamos os direitos conquistados pelos cortadores(as) de cana-de-açúcar no município de Tamboara e explicamos sobre a forma de pagamento vigente nos canaviais, o pagamento por produção; no quarto apontamos as peculiaridades de como é realizado o trabalho das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar e por fim evidenciamos a questão de gênero presente nos canaviais.

Portanto, através dos resultados obtidos por meio da entrevista oral e da pesquisa bibliográfica consideramos que o trabalho de cortar cana-de-açúcar além de ser estafante, prejudica a saúde dos(a) cortadoras, intensificado pela forma de pagamento vigente, o pagamento por produção. Com relação a questão de gênero ela perpassa pelos canaviais e está presente na sociedade contemporânea.

2.A INSTALAÇÃO DO CULTIVO DA CANA DE AÇÚCAR NO NOROESTE DO PARANÁ

O cultivo da cana-de-açúcar nas regiões norte e noroeste do Estado foi influenciado por vários fatores, como o incentivo do governo mediante a políticas públicas; o clima que, segundo Koppen (1948), é o CFA - clima temperado úmido com verão quente, com poucas incidências de geadas, propício para o desenvolvimento de gramíneas como a cana-de-açúcar e os solos da

Formação Arenito Caiuá que mesmo não sendo considerados férteis, (IPARDES, 2004) são considerados propícios para a produção da variedade de cana mais plantada no Paraná, a RB867515, que apresenta “excelente desempenho em solos de textura arenosa” (DAROS, 2015, p. 102).

Estas características fizeram do Paraná um dos maiores produtores de cana-de-açúcar em 2015, com uma produção de 50.791.057 toneladas, ocupando o 4º lugar na produção do País. Tamboara conta com uma produção de cana-de-açúcar de 324.399 toneladas em uma área de 4.537 hectares em 2017, (IPARDES,2018), sendo a produção agrícola mais expressiva no município, como apresenta a tabela 1.

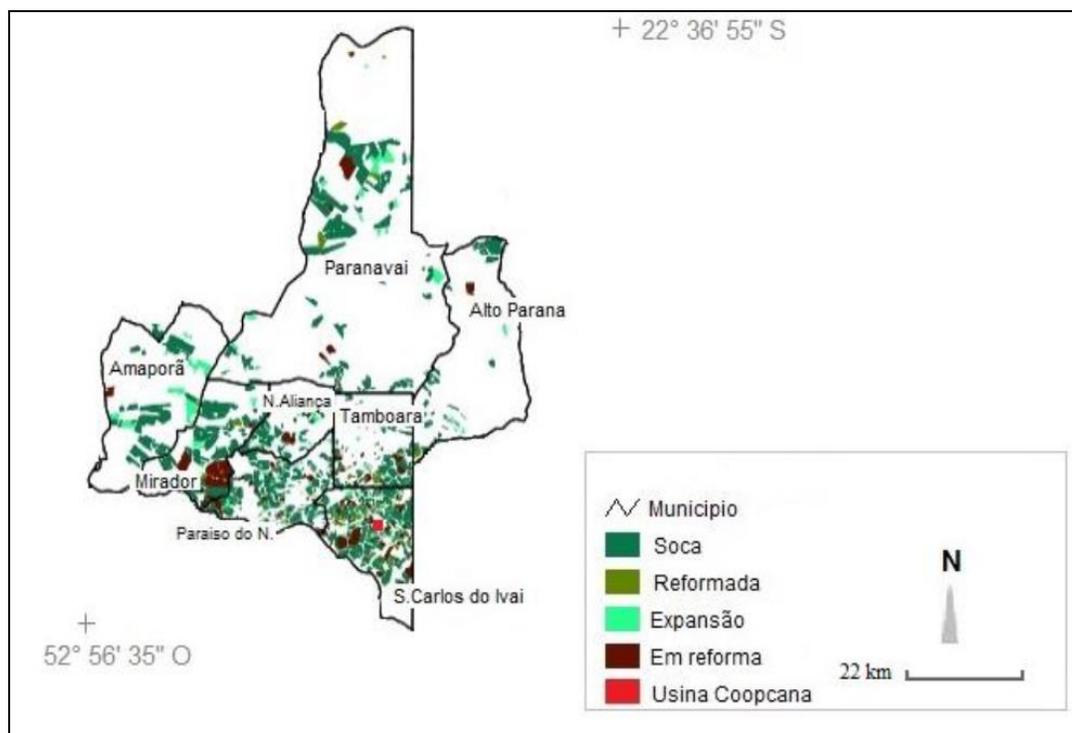
Tabela 1: Área colhida, produção, rendimento médio e valor da produção agrícola pelo tipo de cultura temporária

| Cultura Temporária | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Rendimento médio (kg/ha) | Valor (R\$1.000,00) |
|--------------------|-------------------|--------------|--------------------------|---------------------|
| Cana-de-açúcar | 4.537 | 324.399 | 71.501 | 17.518 |
| Mandioca | 1.365 | 36.224 | 26.538 | 17.901 |
| Milho (em grão) | 330 | 1.656 | 5.018 | 513 |

Fonte: IBGE- Produção agrícola Municipal, 2017

Elaboração: SAMPAIO, 2018.

A cultura da cana-de-açúcar ocupa com maior amplitude as áreas da região sudeste do município de Tamboara, são áreas mais próximas de abrangência da Cooperativa Agrícola Regional de Produtores de cana Ltda – COOPCANA, que está localizada no município de São Carlos do Ivaí, o qual faz limites com Tamboara (ver mapa 1).

Mapa 1: Municípios de atuação da Usina COOPCANA - 2013

Fonte: CANASAT, 2013
Elaboração: RIBEIRO, 2014.

A instalação do cultivo da cana de açúcar no noroeste do Paraná como mencionado teve incentivo do Governo Federal com o lançamento do Programa Nacional do Álcool – Proálcool que tinha como “o objetivo de aumentar a produção de safras agro energéticas e a capacidade industrial de transformação, visando a obtenção de álcool para a substituição da gasolina, assim como incrementar o uso no setor químico” (BRAY, FERREIRA, RUAS, 2000, p. 56). O Proálcool recebeu investimentos advindos de recursos públicos e privados, sendo, a parcela dos recursos públicos as mais utilizadas. Isto reflete o papel do Estado como o fornecedor de crédito, tomando para si a função do capitalista (SHIKIDA, 1998).

Foram instaladas, no Paraná, entre as décadas de 1970/1980, vinte e quatro destilarias autônomas e quatro anexas, principalmente, na região norte do Paraná. Destas destilarias autônomas, 50 % estavam vinculadas a cooperativas agrícolas. Neste contexto, em 1979 foi instalado no Município de São Carlos do Ivaí o qual faz divisa com Tamboara a COOPCANA. O

terreno para a sua instalação foi doado 16 alqueires de terras por Cezario Tessaro², através da aprovação da comissão Nacional do Álcool e liberação de recursos do Banco do Brasil (COOPCANA, 2017). Em outubro de 1982, iniciou-se o procedimento de moagem. Sua produção inicial foi de 3.800.000 litros de álcool. Atualmente, a agroindústria produz açúcar, álcool anidro, álcool carburante ou hidratado.

Atualmente esta usina sucroalcooleira possui uma área de aproximadamente 43.000 hectares de cana plantada (STRT,2019). A sua denominação passou de COOPCANA para Condomínio de Produtores Rurais de Cana-de-Açúcar – Agrocana em 2018. (AGROCANA, 2019). O avanço da cana-de-açúcar na região tem gerado preocupação no abastecimento de alimentos, pois esta gramínea acaba ocupando áreas que antes eram utilizadas para produtos cultivados na agricultura familiar: como hortaliças, mandioca entre outros (RIBEIRO, 2011). Desta forma, compreendemos que a região noroeste do Paraná, vem ao longo do tempo sofrendo modificações no uso do solo, ocasionadas pelas mudanças no modelo agrícola, mas também vem ocorrendo transformações no mundo do trabalho, como veremos no próximo tópico.

3. OS DIREITOS CONQUISTADOS PELOS CORTADORES(AS) DE CANA-DE-AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE TAMBOARA

Em 1982 o trabalho de cortar cana-de-açúcar inicia-se no Município de Tamboara quando a usina COOPCANA começou o processo de moagem. Até meados da década de 1990, a atividade de cortar cana na região não tinha restrições de idade por parte dos usineiros. Homens, mulheres e crianças trabalhavam em um mesmo talhão e toda a atividade era realizada manualmente. Ainda na década de 1990, o transporte destes trabalhadores era realizado de forma insalubre em cima de caminhões, sem nenhuma proteção, colocando em risco as suas vidas (STR, 2018).

Contudo, devido aos perigos mencionados, as irregularidades e a insatisfação dos trabalhadores com relação aos salários e as horas extensas de trabalho, vários homens e mulheres em 1995 realizaram greve, cessaram suas atividades e foram para frente da usina sucroalcooleira

² Prefeito do município de São Carlos em 1979, ano que a usina Coopcana foi instalada.

reivindicar os seus direitos. A permanência na greve durou 15 dias e após acordo coletivo mediado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Tamboara, conseguiram a efetivação de direitos através de acordo coletivo de trabalho que continha em suas cláusulas direitos como: proibição de trabalho de menores de idade, carga horária de 44 horas, remuneração por produção de metro de cana cortada, garantia de horas extras, entre outros. Este acordo permitiu que os trabalhadores tivessem melhores garantias no trabalho, contudo, a segurança do trabalhador ainda estava comprometida, pois os EPIs não eram obrigatórios, o que ocasionava vários acidentes de trabalho, como cortes nas mãos, pés, perna entre outros.

Após denúncias e reivindicações (STR, 2018) em 2008, a obrigatoriedade do uso de EPIs foi concretizada, por meio de um acordo realizado entre a COOPCANA e o Sindicato dos trabalhadores de Tamboara, foi acordado a obrigatoriedade do uso de EPIs. Este direito é garantido na Norma Reguladora 31 que menciona: “É obrigatório o fornecimento aos trabalhadores, gratuitamente, de equipamentos de proteção individual (EPI)” (BRASIL, 2013, p. 27). Os equipamentos que os trabalhadores devem usar são: luvas com proteção de aço, caneleiras com proteção de aço, óculos com tela de proteção, mangote, sapatão com bico de ferro e boné tipo árabe. Estes EPIs têm contribuído para a redução de acidentes como relata uma trabalhadora entrevistada.

Estes EPIs têm evitado da gente sofrer acidentes. Nossos sapatos e caneleiras são todos picotados, se não fosse estes EPIs a gente já tinha se machucado ou até mesmo perdido um membro arrancado (Marta, 2019).

Mesmo diante destes avanços nos direitos dos trabalhadores, muitos estão sendo acometidos por problemas de saúde. Alves (2006, p. 94) relata que estes problemas de saúde estão diretamente relacionados ao trabalho de cortar cana, além de ser um trabalho repetitivo e pago por produção é realizado sob sol forte, frio intenso e chuva.

[...] quem corta 12 toneladas de cana, em média, por dia de trabalho durante 8 horas realiza as seguintes atividades no dia: • Caminha 8.800 metros. • Despende 133.332 golpes com o facão. • Carrega 12 toneladas de cana dispostas em montes de 15 kg, em média; portanto, perfaz 800 trajetos de dois em dois metros e 800 flexões de pernas coluna e braços levando 15 kg nos braços por uma distância de 1,5 a 3 metros. Assim, realiza aproximadamente 36.630 flexões e entorses torácicas para golpear a cana. • Perde, em média, 8 litros de água por dia, por realizar toda esta atividade sob sol forte, sob os efeitos da poeira, da fuligem expelida pela cana queimada, aumenta sua temperatura corporal. A perda de água e de sais minerais leva à desidratação e à frequente ocorrência de câimbras. Com todo este detalhamento da atividade do corte de cana, fica fácil entender por que morrem os trabalhadores rurais cortadores de cana [...] por causa do excesso de trabalho. (ALVES, 2006 p. 94)

Além de ser um trabalho árduo que despende muita energia, a forma de pagamento vigente, o pagamento por produção, faz com que a força de trabalho seja intensificada para se ter uma boa remuneração.

3.1 O PAGAMENTO POR PRODUÇÃO NO TRABALHO DE CORTAR CANA-DE-AÇÚCAR

De acordo com (SILVA, 1999) o pagamento por produção passou a ser realizado nos canaviais a partir da década de 1960. Anteriormente a este período, o pagamento era realizado por feixes o que permitia ao trabalhador previamente saber o quanto iria ganhar (SIGAUD, 1979). O sistema de feixe foi substituído pelo sistema de tonelada chamado de Campeão. No pagamento por tonelada é realizada a conversão de toneladas em metro. As etapas desta conversão são: inicialmente são escolhidas e cortadas várias canas em diferentes locais dos talhões, após o corte são transportadas para a agroindústria onde será realizada a pesagem. Após o peso obtido é realizada a conversão de tonelada para metro/cana.

Porém, devido ao trabalho de cortar cana-de-açúcar ser realizado por produção a fiscalização por parte dos trabalhadores fica inviável, o que ocasiona insatisfação. Durante a entrevista realizada a cortadora Maria (2018) mencionou que na realidade esta conversão não acontece, o valor é passado para os trabalhadores no “*olhômetro*” evidenciado por Alves (2008):

O pagamento por produção da cana é completamente diferente do pagamento por produção efetuado em outros setores (...). A diferença fundamental é que nos demais setores onde ainda prevalece o pagamento por produção ou o pagamento por “peça”, o preço pago pela peça é previamente conhecido pelos trabalhadores antes do início do trabalho. Na cana, o preço pago pela quantidade de cana cortada só é conhecido pelos trabalhadores depois que o trabalho é executado (...). O pagamento por produção efetuado na cana foi cientificamente desenvolvido para que o trabalhador não saiba previamente quanto produziu e não possa controlar o seu pagamento e o seu processo de trabalho (ALVES, 2008, p. 36).

Como a fiscalização do valor metro/cana é inviável para os cortadores o que resta fazer é dispender o máximo de força de trabalho para obter um ganho razoável que atenda a suas necessidades básicas e em muitos casos a necessidade básica de sua família. No próximo tópico abordaremos as peculiaridades do trabalho de cortar cana-de-açúcar com ênfase no trabalho das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar.

4. O TRABALHO DAS MULHERES CORTADORAS DE CANA-DE-AÇÚCAR

O trabalho de uma cortadora de cana-de-açúcar inicia-se logo pela madrugada, entre as quatro e as cinco horas da manhã. Na maioria das vezes são as mulheres que fazem a alimentação e as condiciona em marmitas. Após esta tarefa, elas vão colocar a vestimenta adequada para o trabalho, que são compostas por: calça, camisa de manga comprida, short ou saia colocados por cima da calça e um lenço para tampar partes do rosto.

Ao chegarem na lavoura são os fiscais gerais que escalam cada turma em uma área. Após terem seus eitos definidos, as cortadoras têm a obrigação de cortar a cana rente ao solo, cortar o ponteiro e ir enfileirando a cana na rua central, como uma esteira (ver figura 1).



Figura 1: Canas cortadas colocadas na esteira e ponteiros retirados, 2019
Fonte: SAMPAIO, 2018.

Como podemos observar na figura 1, também é necessário separar o ponteiro da cana. Esta separação é feita com o facão e afastada com os pés. Além de não ser tarefa fácil e de enfrentar as intempéries, elas utilizam os EPIs que causam desconforto e aumenta a temperatura do corpo, o que pode ocasionar desidratação ou até mesmo câimbras como menciona Alves (2006) “este trabalho faz com que o cortador perca muita água e energia ocasionando problemas como câimbras, sofrem de dores no corpo (lombalgias), e vários são acometidos de lesões sérias nas articulações, as quais podem ser consideradas LER (lesões por esforço repetitivo) (ALVES, 2006, p.11).

Devido ao esforço que realizam no corte da cana, o trabalhador(a) da agroindústria canavieira sofre muitas consequências deletérias à sua saúde (ALVES, 2008; NOVAES, 2007), como, por exemplo: problemas respiratórios, musculares, sérias lesões nas articulações pelo esforço repetitivo, entre outros. Em pesquisa realizada (SAMPAIO, 2018) das doze entrevistas, todas relataram ter algum problema de saúde e os principais mencionados foram: problemas de coluna, no joelho, tendinite, dores de cabeça, alergia na pele e dores no braço (ver figura 2)

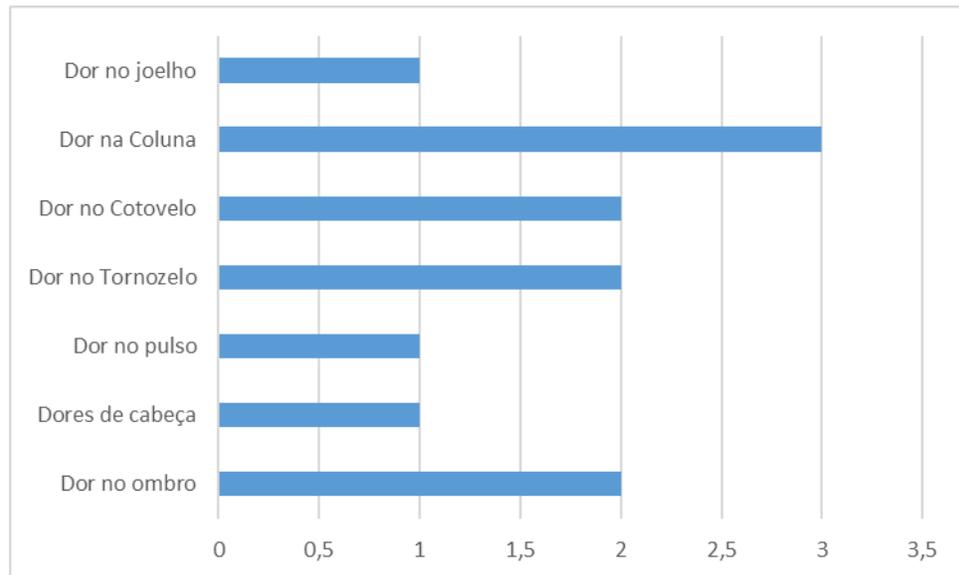


Figura 2- Problemas de saúde mencionado pelas cortadoras de cana-de-açúcar
Fonte: SAMPAIO, 2018.

Estes problemas de saúde são impulsionados pelo esforço repetitivo de cortar-cana-açúcar. São realizadas várias flexões para abaixar e cortar a cana rente ao solo, e após condicioná-la em fileira ou monte, o que ocasiona dores principalmente na coluna e no joelho (SAMPAIO, 2018). Devido ao esforço repetitivo atrelado a forma de pagamento por produção, a saúde destas mulheres está sendo comprometida.

As dificuldades no trabalho não são apenas devido ao aumento da intensidade na força de trabalho impulsionado pela forma de pagamento, mas também pelas condições físicas do terreno e do tipo de cana que será cortada. A cortadora Maria relata esta situação:

Todo dia quando chegamos no canavial é uma surpresa, tem dias que as canas estão caídas e entrelaçadas, neste dia sabemos que o trabalho não irá render. Nossa esperança é que o preço dado no metro/cana compense a dificuldade que teremos para terminar o eito (Maria, 2018)

Como já mencionado a incerteza do valor cobrado no metro/cana tira o controle do trabalhador sobre o quanto poderá produzir. O valor a ser pago é repassado para os trabalhadores por voltas das 11:00 horas, cujo parte do trabalho já foi realizado. Alves (2008) menciona esta situação:

O pagamento por produção da cana é completamente diferente do pagamento por produção efetuado em outros setores (...) A diferença fundamental é que nos demais setores onde ainda prevalece o pagamento por produção ou o pagamento por “peça”, o preço pago pela peça é previamente conhecido pelos trabalhadores antes do início do trabalho. Na cana, o preço pago pela quantidade de cana cortada só é conhecido pelos trabalhadores depois que o trabalho é executado (...). O pagamento por produção efetuado na cana foi cientificamente desenvolvido para que o trabalhador não saiba previamente quanto produziu e não possa controlar o seu pagamento e o seu processo de trabalho. (ALVES, 2008, p. 36)

Sendo assim, compreendemos o quanto laborioso é o trabalho de cortar cana-de-açúcar, além das dificuldades diárias desta atividade, tendo que ser realizadas debaixo de sol, frio, chuva muitas vezes não têm condições de ter o controle do seu trabalho, pois o ritmo será auferido no valor pago no metro/cana. As dificuldades que estas mulheres encontram durante o seu dia não se encerra no trabalho de cortar cana-de-açúcar, mas também na sua segunda e terceira jornada de trabalho, como iremos ver nos próximos tópicos.

5. BREVE DISCUSSÃO SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO.

Para fundamentar a análise que se pretende fazer acerca das relações de gênero no corte da cana, segue uma breve discussão acerca da desigualdade de gênero. O conceito de gênero tem sido importante no debate que revela as desigualdades entre homens e mulheres. Autores como Reis (1984) e Almeida (2003) relatam que a mulher era vista apenas como figura feminina destinada ao casamento e a maternidade. Desigualdades estas que podemos observar na inserção da mulher no mercado de trabalho. Neste sentido, “as mulheres continuam invisíveis em diversos lugares do mundo do trabalho e naqueles que elas se inserem, em geral, se concentram nas ocupações precárias e revelam os piores salários” (CAMPOS, 2011, p. 20).

A observação das relações de gênero demonstra não apenas a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho como também, a subalternidade da mulher que foi educada para sentir-se inferior ao homem, na família, na religião, na sociedade como um todo. No entanto, podemos observar que, sobretudo no século XX, em função de movimentos feministas e as

mudanças que ocorreram na economia, houve maior inserção da mulher no mercado de trabalho, mas, sua remuneração ainda continua sendo menor, como aborda Mello

Mulheres e homens não têm a mesma inserção no mercado de trabalho. As mulheres estão concentradas em atividades econômicas menos organizadas, com contratos informais, 40% da ocupação feminina encontram-se nesse segmento do mercado de trabalho. As diferenças continuam: as mulheres têm menor presença sindical e estão mais expostas ao desemprego. (MELLO, 2004, p. 5).

Os debates sobre esta questão favoreceram para que movimentos feministas pressionassem o governo para realizar políticas em prol da diminuição das desigualdades e discriminação sofrida pelas mulheres. A mulher vem sofrendo discriminação ao longo dos anos, porque o homem era e ainda é tido como o chefe da família. “Família está monogâmica patriarcal centrada na tríade pai mãe e filho” (CAMPOS, 2011 p. 33) e que têm o homem como indivíduo destinado à função de sustentar a família.

No entanto, a família centrada na tríade pai, mãe e filho vêm sendo alterada pois, atualmente muitas mulheres divorciadas ou não, tem a função de chefe de família, situação que vem aumentando ao longo dos anos. Neste sentido, diz Rossini (1990, p. 338): “podemos observar que tem havido aumento gradativo do número de mulheres chefes de família”, estas mulheres têm assumido a função de sustentar as suas famílias.

Contudo, os salários destas mulheres, na maioria das vezes são mais baixos do que dos homens. De acordo com os dados do IBGE (2016) o rendimento médio das mulheres em 2016 é de R\$1.764 reais e o homem R\$ 2.306 e a média nacional de R\$ 1.808. A mulher mesmo especializando-se para o mundo do trabalho ainda ocupa rendimento salarial inferior à média nacional. Esta disparidade no rendimento ainda piora se compararmos com os salários pagos por serviços braçais como domésticas, cortadoras de cana-de-açúcar, serventes de obras entre outras funções que não exigem escolaridade. Veremos no próximo tópico a questão de gênero nos canaviais.

5.1 A QUESTÃO DE GÊNERO NOS CANAVIAIS

Na atividade do corte de cana trabalham homens e mulheres em busca de um ganho que possa atender suas necessidades básicas. Embora alguns trabalhadores relatem que o corte de cana “não é um trabalho para mulher”, verificado na fala de cortadores de cana, na prática, todos têm o direito a cortar a cana, mas, os preferidos são homens e principalmente migrantes os escolhidos para realizar esta atividade (RIBEIRO, 2016).

De acordo com o Sindicato dos trabalhadores Rurais de Tamboara (2018), dos 3.500 trabalhadores que haviam antes da mecanização em 2008, atualmente, são 1.050 e, destes, apenas 170 são mulheres. Em Tamboara trabalham apenas 12 mulheres como cortadoras de cana. Durante as entrevistas elas relataram a preocupação em perder seus postos de trabalho, pois a mecanização está sendo intensificada a cada ano.

Outro fato que a desigualdade de gênero pode ser evidenciada é na distribuição dos eitos e nos lugares ocupados no ônibus. As mulheres são as últimas a serem escaladas nos eitos, pois são consideradas as de menor rendimento e no ônibus como menciona Rossini (2006, p. 236) “há também verdadeira distribuição sexual dos lugares, como acontecia nos caminhões: as mulheres sentam-se nos bancos da frente e nos outros, os homens”.

Até 2008 no corte de cana comandado pela usina que recruta os cortadores de Tamboara, continha apenas um banheiro químico instalado na turma A. Nesta turma trabalham geralmente homens, pouquíssimas mulheres são escaladas, o que dificultava o deslocamento das mulheres para fazer suas necessidades básicas. Mas, através da NR, 31 atualmente são instalados dois banheiros, tanto na turma A, como na turma B. Sendo assim, mesmo existindo estas desigualdades, algumas alternativas são realizadas para diminuir estas disparidades.

5.2 QUESTÃO DE GÊNERO NA FAMÍLIA

A questão de gênero na família também é muito discutida, pois a desigualdade começa na própria casa onde mesmo que trabalhem juntos no corte, as atividades domésticas muitas vezes não são divididas. A mulher precisa, ao chegar do seu trabalho, limpar a casa, lavar e passar roupa, fazer comida, cuidar dos filhos, entre outros. A rotina observada entre as cortadoras de cana aparece em constatações feitas por Rossini (2006, p. 237):

O tempo de repouso para mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto para o homem permanece quase o mesmo; após uma longa jornada de trabalho o homem chega em casa e aguarda o jantar. Poucos têm colaborado no trabalho doméstico. Nos fins de semana, em geral, o homem vai se encontrar com os amigos, bater uma bola, bater um papo e ficar no bar conversando e bebendo. Enquanto isso, a mulher trabalha: lava roupa, cozinha, costura, remenda, prega botão, cuida das crianças.

Ainda neste sentido, Bordieu (2004) e Beauvoir (1980) relatam que a dominação arbitrária de homens sobre as mulheres é formada pela própria sociedade, em que a mulher tem que se submeter à autoridade do marido, muitas vezes, errônea orientação vem da própria religião e é legitimada pelas próprias mulheres.

Alguns elementos culturais que rementem a ideia de que a mulher é o sexo frágil cooperam sobremaneira para a reprodução das desigualdades de gênero. Para desmitificar a desigualdade de gênero exige muito mais que reivindicar direitos, requer, além disso, mudanças culturais que permitam que haja isonomia no tratamento de homens e mulheres levando em conta suas diferenças. Mesmo que pareça difícil não podemos deixar de lutar em busca da verdadeira igualdade de direitos entre homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cultivo da cana-de-açúcar no noroeste do Paraná impulsionado por políticas agrícolas mudou a paisagem e o mundo do trabalho. Atualmente estas mudanças ainda estão ocorrendo, com o avanço da modernização do campo cada vez mais o uso da mão de obra está sendo diminuído.

Os que ainda resistem, os cortadores(as) de cana-de-açúcar além de enfrentar uma atividade laboriosa e degradante a sua saúde, estão preocupados em perder seu trabalho devido ao avanço da mecanização da colheita da cana-de açúcar. Nos relatos e entrevistas realizadas percebemos que ao longo dos anos houve melhoras nas condições de trabalho através de lutas e reivindicações. Contudo, a forma de pagamento ainda continua sendo a mesma por produção (SILVA, 1999). Esta forma de remuneração para vários autores continua sendo o motor intensificador do dispêndio da força de trabalho (GUANAIS, 2016; ALVES, 2008). Muitos

destes homens e mulheres são acometidos por sérios problemas de saúde e quando adoecem são dispensados, muitas vezes sem terem condições de assumir outros cargos.

As dificuldades que estas mulheres enfrentam perpassam seu trabalho e consolida em seus lares evidenciando a desigualdade de gênero exposta na sociedade. Neste sentido, vemos a importância de homens e mulheres serem tratados como detentores de direitos e deveres, sem a influência de um sistema patriarcal que dita as regras da sociedade (CAMPOS, 2011)

Diante destes fatores, relatamos a importância do Estado enquanto agente que tem como dever cuidar da sociedade, desenvolver políticas públicas que possam atender as necessidades destes trabalhadores(as) expropriados de seus trabalhos, capacitar e dar condições dignas para que possam ter a oportunidade de ter um trabalho ou até mesmo desenvolver o empreendedorismo e desenvolver alternativas que possam dar as condições necessárias para sustentar as suas famílias, reduzindo os impactos sociais que a modernização dolorosa (SILVA, 1982) vem ocasionando no campo.

REFERÊNCIAS

AGROCANA. **Condomínio de Produtores Rurais de Cana-de-Açúcar**, 2019. Disponível em: <<https://agrocana.agr.br/index.php>>. Acesso em: 23 set. 2018.

ALMEIDA, A. M. de. Sociedade patriarcal rural, feminismo e educação no século XIX. In: **Setor Nacional de gênero- MST- Construindo novas relações de gênero- Desafiando relações de poder**. São Paulo, 2003.

ALVES, F. **Porque morrem os cortadores de cana?** Scielo, São Paulo, v 15 n3, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-1290200600030008&script=sci-arttext>> Acesso em: 17 ago. 2016.

_____. Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de Cana. **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, v.3, n.2, abr./ agosto. 2008. Disponível em: <<http://www.interfacehs.sp.senac.br>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Anexo III - **Norma Regulamentadora N° 31**. In: BRASIL. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. - 1. ed. - Brasília: SENAR, 2013, p. 109 - 164; – (Série Metodológica; Estrutura ocupacional do meio rural).

BRAY, S. C.; FERREIRA, E. R.; RUAS, D. G. G. **As políticas da agroindústria canavieira e o PROÁLCOOL no Brasil**. Marília: Unesp-Marília Publicações, 2000.

CAMPOS, C. S, S. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS /** Christiane --1.ed.—Buenos Aires: CLACSO, 2011.

COOPCANA. **Produção**, 2017. Disponível em:< <https://www.coopcana.com.br/produtos.php>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

DAROS, E.; OLIVEIRA, R. A. de; BARBOSA, G. V. S. (Org.) **45 anos de variedades RB de cana-de-açúcar: 25 anos de Ridesa**. Curitiba: Graciosa, 2015. Disponível em: <<http://socicana.com.br/2.0/wp-content/uploads/45-anos-variedades.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, Janaina. (Org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Apresenta textos com informações sobre a cidade de Tamboara**, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=412670>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno Estatístico Município Tamboara**. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=8776000>> Acesso em ago. 2018

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Noroeste Paranaense/Curitiba: IPARDES**, 2004. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_noroeste.pdf > acesso em: 31 ago. 2018.

KÖPPEN, W. **Climatologia**: com um estudio de los climas de la tierra. In: IAPAR. Cartas Climáticas Básicas do Estado do Paraná. Londrina, 1948.

MELLO, H. P. de. Mulheres reestruturação produtiva e pobreza. In: Seminário Internacional Políticas y Programas de Superación de la Pobreza la Perspectiva de la Gobernabilidad Democrática y el Género. Comisión Económica para América Latina y el Caribe- **CEPAL**. Quito, Ecuador, 26 e 27 de ago. 2004.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. T.M.CODO, Wanderley (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. p. 99-124. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIBEIRO, V. H. **Mobilidade forçada e exploração da força de trabalho**: um Olhar para os trabalhadores da cana-de-açúcar do noroeste Paranaense. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá-UEM, Maringá, 2011.

_____. **Os “Cassacos” migrantes de Tamboara-PR**: a mobilidade forçada e as resistências no processo de produção do espaço geográfico de Jardim-CE. Doutorado (Tese em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá-UEM, Maringá, 2016.

ROSSINI, R. E. A mulher na palha da cana: família e trabalho. In; *Anais...* do VII Encontro Nacional de Estudos populacionais da ABEP. V. 2. 1990. P. 335- 354

_____. O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada – São Paulo – Brasil. En publicación: **América Latina: cidade, campo e turismo**. Dez. 2006. Disponível em:
<www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/laboplan/artigos/rossini_01.pdf>. Acesso em 19 mar. 2016.

SAMPAIO, A. C. dos S. T.; M. M.; Maria das Graças de Lima. Os Problemas de Saúde Ocasionalmente Pelo Trabalho de Cortar e Plantar Cana-de-Açúcar na Região Noroeste do Paraná. *Anais...* Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2018.

SERRA, E. Conflitos rurais no Paraná: como foi que tudo começou. **Boletim Geografia**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 75-89, 2010. Disponível em:
<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8542>>. Acesso em: 10 mar. 2016

SIGAUD, L. **Os Clandestinos e os Direitos**: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SILVA, J. G. da. **O Que é questão agrária**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro. Zahar editores, 1982.

SILVA, M. A. de M. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE TAMBOARA. **Informações e dados sobre os trabalhadores cortadores de cana**. Tamboara, 2018,2019.

SHIKIDA, P. F. A. **A Evolução diferenciada da agroindústria canavieira no Brasil de 1975 a 1995**. Cascavel: Edunioeste, 1998.

THOMAZ J., A. **Por trás dos canaviais os nós da cana**. São Paulo: Annablume, 2002.

Enviado em 12/08/2019

Aceito em 07/10/2019